

Em tons de Valsa
aguarela-fogo
- Colectânea de Contos -

VÁRIOS AUTORES



Tecto de Nuvens

Título

Em tons de Valsa aguarela-fogo – Colectânea de Contos -

Edição

Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, LDA.

Rua Camilo Pessanha, 152, 4435-638 Baguim do Monte

tel./fax 224807820; tlm: 960131916 geral@tecto-de-nuvens.pt

www.tecto-de-nuvens.pt

Coordenação literária de

Teresa Cunha

teresacunha@tecto-de-nuvens.pt

Autores:

Agostinho Vieira; Ana Paula Ferreira; António Jesus Cunha; Ilda Pinto de Almeida; Joaquim Armindo; Lucília Mendes; Luís Bárbara; Margarida Haderer; Maria do Rosário Cunha; Pedro Forte

Capa

Hugo Baganha a partir de fotografias de Teresa Cunha e imagens disponíveis online em regime de copyleft

Paginação

Tecto de Nuvens

Revisão

Tecto de Nuvens

Concepção Gráfica

Tecto de Nuvens

© dos textos: cada um dos respectivos autores

© da colectânea: Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, Lda.

Direitos reservados segundo a legislação em vigor

ISBN: 978-989-8197-86-3

Depósito Legal: 427946/17

Alguns autores escrevem de acordo com o novo A. O., outros segundo a antiga ortografia

O conteúdo literário e plástico desta obra é da inteira e exclusiva responsabilidade dos autores.

A gerência da Tecto de Nuvens

Vidas soltas

Aquela manhã de Outono decorria com toda a normalidade, era uma manhã como todas as outras. O Inverno aproximava-se célere e sentia-se uma leve brisa que nos obrigava a aconchegar os precários agasalhos que protegiam do frio. Os momentos que precediam a entrada nas aulas serviam para um ritual de brincadeiras que ajudavam a ultrapassar a letargia própria da manhã e a combater o frio que enregelava, sobremaneira, as extremidades do corpo. Sabíamos que no interior das salas de aula não encontraríamos melhores condições de conforto por ausência de aquecimento. O diretor da escola havia mandado instalar uns caloríferos a lenha que não se revelaram eficazes devido às dificuldades de manutenção e a outros incómodos que obrigaram à sua desactivação. A escola onde realizava estudos liceais era um colégio particular frequentado por uma pequena elite de um meio rural atrasado e pobre, que reproduzia uma comunidade conformada e sem grandes expectativas.

Depois do toque da sineta pelo contínuo do colégio que pronunciava o início das aulas dirigimo-nos para a sala onde iria decorrer a aula de matemática.

O professor José Castro não se fez esperar, surgindo ao fundo do corredor com o seu característico andar saltitante e desengonçado, que o Arlindo Covas imitava na perfeição. Sem quebrar a rotina, subiu para o estrado, pousou na secretária a pesada pasta de couro que continha uma panóplia de manuais, abriu a caderneta e fez a chamada, certificando-se da presença dos alunos. Estes, por sua vez, sentavam-se disciplinadamente, rapazes de um lado e meninas de outro,

aos pares, buscando nas pastas, em relativo silêncio, o manual e o caderno diário.

- *Muito bem!* - Disse. *Fizeram os trabalhos de casa?* - Perguntou com voz severa. - *Coloquem os cadernos abertos em cima das carteiras.*

O Duarte levantou, timidamente, o braço e o gesto gerou uma onda de sorrisos não muito expansivos.

- *S'tór, procurei na pasta o caderno, mas não o encontro. Não sei o que lhe fiz!* - Com um ar desalentado tentava justificar a falta do famigerado caderno diário.

- *Esqueci-me de o colocar na pasta. Estive até tarde a acabar os trabalhos e, com certeza, foi isso que aconteceu! Foi mesmo isso.* -salientou. - *Com o cansaço e sono à mistura já não sabia o que fazia. Espero que compreenda. Tanto tempo perdido para nada* - lamentava-se.

O Duarte era useiro e vezeiro na falta dos trabalhos de casa e sempre que era apanhado em falta arranjava desculpas que, obviamente, não justificavam nada.

- *Caro Duarte* - disse o professor com ar de enfado - *acredito piamente na sua palavra. Assim, para que possa mostrar o fruto do seu intenso trabalho, queira vir ao quadro resolver o primeiro exercício do caderno de actividades.*

Só dizer-se que sempre que um aluno cábula era chamado ao quadro para realizar alguma tarefa, era inevitável o temor que dele se apoderava. Na maior parte das vezes o aluno era ridicularizado pelo professor e alvo da sua impetuosidade.

O Duarte não escapava à regra. O interesse que revelava pelas tarefas escolares era diminuto e o tempo que dedicava ao estudo das matérias era escasso. Oriundo de uma família de agricultores, colaborava nas lides domésticas competindo-lhe, antes de ir para a escola, ordenhar duas vacas leiteiras cujo produto a mãe carregava até ao posto de leite de modo a assegurar uma parte significativa do sustento da família.

O enunciado do exercício que teria de resolver foi rapidamente transposto para o quadro pelo professor e

LÉRIA

Era Junho, o dia estava pálido e fresco. Deveriam ser umas duas da tarde e senti um vislumbrar de memórias às várias ocorrências que ali se tinham passado.

Ao fundo da rua, do outro lado, na esquina, consegui ter a memória do salão de cabeleireira que ali se encontra. Estive ali há duas semanas a fazer um penteado.

Veio-me à cabeça a Márcia nas suas tagarelices. As histórias que ela me contava enquanto trabalhava, vagarosamente, pois foi ela quem me arranhou o cabelo.

Parecia que ainda sentia as suas mãos macias a lavar o meu couro cabeludo e a reafirmar, com as suas próprias palavras, que eu tinha bastantes brancas, mas não devia pintá-las.

Recordei-me de como tinha pedido à Márcia que me pusesse bonita, “o modelo ficava nas suas mãos”. Apenas queria algo simples mas elegante. Márcia acenou com a cabeça e sorriu.

Depois do momento da lavagem, chegou o penteado. Antes de começar o toucado, fez-me várias perguntas sobre o evento e que tipo de roupa ia eu usar. Sempre lhe respondi com um sorriso a todas as perguntas. Finalmente, começou a colocar uns ganchos no cabelo para o dividir, e, pedaço a pedaço, lá foi secando e dando forma à minha cabeleira.

Márcia aparentava ter uns quarenta e tantos anos, tinha uma estatura média, cabelo de cabeleireira (atados para cima, com ganchos enormes) e um encanto melancólico. Era uma mulher faladora pois não foi preciso muitos minutos para começar a “palrar” a sua vida.

Márcia falava continuamente mesmo com o barulho do secador. Contava de como tinha chegado à América ainda pequena, na companhia de seus familiares. Eu apenas abanava a cabeça e sorria com as suas palavras. Os meus ouvidos simplesmente ouviam o que ela lhe apetecia dizer. Era difícil responder ao que quer que fosse com aquele ruído de vários secadores ao mesmo tempo e, apesar disso, eu até a queria ouvir. Meus olhos estavam postos no cabelo, nas suas mãos, mas o meu verdadeiro cuidado, estava no evento que se aproximava.

Agora, aqui em casa, e já passados bastantes dias, tinha a sensação de que Márcia continuava a falar. Os meus ouvidos ainda sentiam a sua voz numa espécie de mistura contínua com o secador e as vozes que se cruzavam no salão. Havia mulheres a arranjar o cabelo, a arranjar as unhas... Eu era a primeira vez que ali estava e era a segunda vez que via a Márcia. Esta mulher era uma personagem interessante... dizia que tinha vindo da Flórida e que estava em New Jersey há relativamente pouco tempo. Foi aqui que ela conseguiu interromper a minha alma.

- Da Flórida?! então eu... eu pensei que sempre tinha vivido por aqui! -

- Não, eu morei nesta cidade muitos anos, depois fui para Portugal para ajudar a minha mãe que adoeceu e agora voltei com o meu filho e o meu marido. -

Perguntei à Márcia qual era o trabalho do marido, mas não me respondeu, não sei se não ouviu com o banzé dos aparelhos ou se não lhe dava jeito responder. Passado uns segundos de silêncio, diz-me que teve de voltar porque na terra estava difícil.

A vida não era fácil do outro lado, especialmente para quem, como ela, que tinha um filho com uma ligeira deficiência. Na Flórida, os trabalhos também não eram como em Jersey, dizia ela.

O Fantasma do Nosso Avô

Por vezes dá-me para cozinhar para alguns amigos, mais do que amigos, os meus convidados de hoje, se assim lhes posso chamar, são meus primos, e irmãos entre si.

Ele, Luís, um rapaz alto, amorenado, com os cabelos caindo-lhe em cachos bastos e enrolando-se em espirais, como as gavinhas de uma videira. Com a mesma idade que eu, uns meses mais velho.

Ela, Lidinha, espigada, com a cor moreninha da família, uma cara bem-disposta e uns cabelos bastos, castanhos acobreados caindo em volutas dispostas naturalmente mas que produziam um lindo efeito.

Ao fim e ao cabo todos éramos convidados uns dos outros, a casa era a da família que resolvêramos manter em comum e onde por vezes nos encontrávamos. Faltavam ali os outros dois, ou melhor, duas, a Irene e a Gracinha.

O jantar que preparara para os restantes não tinha sido nada de especial, uma sopa de feijão com carne, a sustância era dada por uns ossos de porco e alguns enchidos e a consistência pelo feijão manteiga. A receita nunca falhava, primeiro coziam-se os ossos com os enchidos, com o cuidado devido para a farinha não rebentar, ia-se picando os restantes para soltar a gordura que havia de melhor temperar o feijão, as batatas e a couve-repolho.

Depois era deixar ferver, ir apaladando com um pouco de sal, se necessário, e servir quentinho que o inverno ia no pino e, na planície alentejana, as noites de janeiro não são pêra doce.

Claro que eu não ia comentar a excelência do repasto, não me ficava bem, mas os meus primos sempre me iam

tecendo encómios à refeição embora, e com razão, diga-se em abono da verdade, um pouco pesada para a noite. Mas jovens como somos a digestão não nos devia pôr dificuldades, ademais depois de um “café das velhas” preparado pela Lidinha e uns sorvos de um bagaço não sei com quantos anos, apresentado pelo Luís.

Embora com um frio de rachar, resolvemos ir tomar a pinga para o alpendre da casa, aproveitámos as cadeiras de verga, e embuçados até ao cocuruto da cabeça encaramos a friagem para nos deleitarmos com o espetáculo da noite.

- Não está calor nenhum. – Remoí eu para ouvir o Luís.

- Não estás à espera de uma fogueira, não? – Atirou sarcástico o meu primo.

- E tu que não me quisesses desfazer a palavra. – Resmoneei.

- Vocês já estão a jogar às palavras cruzadas? – Lidinha que ficara a arrumar a cozinha chegava agora ao alpendre e toca de nos censurar aos dois. Calámo-nos porque a razão tinha-a ela, por muita amizade que tivéssemos um ao outro a vida para nós era um despique direto. – Está aqui muito frio. – Queixou-se a prima.

- Vai para dentro. – Propôs-lhe logo o irmão, o que ela ignorou.

- Mas o espetáculo é um... nem sei o que diga. – Lídia calou-se embevecida pela natureza que nos esmagava.

As luzes amarelentas da povoação que se alongava no vale não retiravam brilho ao firmamento. A casa da família que resolvêramos manter em comum, situava-se no alto de um cabeço e fazia parte do antigo monte em que as gerações dos nossos avoengos tinham sido criadas e de onde tinham partido para fazer fortuna no mundo. Mas tinha sido ali o início da família e da fortuna, que tinha sido começada e ampliada com casamentos com outros senhores da terra. Com maior ou menor vicissitudes o núcleo

Em tons de valsa *aguarela-fogo*

31 de Janeiro de 2105

Algures, num fim de tarde de inverno, cinzentão, sereno, silencioso – um convite à melancolia e às lembranças, também um apelo veemente a um amanhã ainda frio mas soalheiro, céu azul semeado de algodão alvo aqui e além – uma mulher nos seus quarentas, olhar perdido, rosto pensativo, arrancava uma folha a um calendário, imagine-se, feito ainda de papel. Fíndara mais um mês. No próximo inverno já seria um novo ano. E a seguir outro, outro, e mais outro...

Ausente, cogitava sobre a efemeridade da vida na Terra, sobre o valsar peculiar do tempo que, rodopiando de uma forma compassada, sempre numa única e eterna direcção, cronológica e impavidamente ia passando, indiferente àquilo que via, frio e sincopado – tic-tac – cego àquilo que nascia, renascia e sucumbia à sua volta...

Indolente ainda mas decidida, tecla após tecla, ela seleccionou no seu computador e amigo de todas as horas, o tipo, depois a cor, em seguida o tom e finalmente o brilho. Transportando a informação à máquina das tintas, aguardou, expectante, o resultado final. Ah, bom, lá estava o tal ocre-fogo que imaginara. Mergulhou o pincel na poção brilhantemente conseguida e leve, cuidadosamente, rematou a tela metálica em que tinha vindo a trabalhar nas últimas semanas.

Título – *Aguarela-fogo* -. Porque de fogo era aquele pôr-do-sol a dois planos: em primeiro o astro-rei mergulhando timidamente por entre águas verdes, tranquilas, profundas;

em segundo, lá longe mas não menos espectacular e mágico, o mesmo astro-fogo adormecendo pacificamente por detrás dos cumes dos montes, mais negros do que verdes, eles também sonolentos, serenos, como que abandonando-se à tranquilidade da noite...

Até amanhã!

Um qualquer dia de Março de 2005

“Vamos dançar!”

Um casal de meia-idade voa no seu automóvel, rumo ao norte e a mais uma desejada e merecida escapadela de alguns dias. Rodam bem acima dos cem ao longo da auto-estrada. Fim de tarde cinzentão, silencioso, nada hospitaleiro. Aqui e além uns pingos tímidos de chuva.

À direita ela olhava aquela valsa, aquele rodopiar indisciplinado mas elegante dos pinheiros muito altos, entrelaçados, vergados uns sobre os outros. A sua pista era o pinhal frondoso, os seus pares, todos e nenhuns...

“Vamos dançar!”

Fora há duas ou três semanas atrás, a seguir a um jantar animado e descontraído entre colegas de profissão, amigos de longa data, que ela também dançara a valsa. Rodopiara, imaginando-se por farrapos de segundo de saia até aos pés, luvas altas, tiara, deslumbrante, num velho salão real. Para a esquerda, uma, duas, tantas voltas... para a direita, outras tantas.

Parou a música. Estacou a imaginação. Com quem dançara? Não sei.

Virando agora os seus olhos para o lado esquerdo da auto-estrada, lá longe, bem distante mas contudo identificável, o casario desorganizado daquela estância

Gil e a Águia

I

Gil era um menino simpático e pequenino, com o olhar mais meigo de todos os meninos que frequentavam a velha escola da aldeia.

Infelizmente, tal como Gil, havia outros meninos que partilhavam a sua infelicidade. Não podiam viver com os seus pais.

No entanto, na aldeia de Gil, nenhum menino, que por qualquer ironia do destino, não pudesse viver com seus pais, ficava abandonado, pois Lucilady, uma mulher que por vezes parecia muito bela, outras assustava um bocadinho, recolhia no seu enorme casarão todos as crianças que estivessem sozinhas e davalhes de comer e uma cama pequenina para dormir.

Acontece, que Lucilady fazia magias, algumas faziam rir, outras eram temerosas...

Assim que o sol aparecia, bem cedo, o galo encarregava-se de acordar os meninos que viviam no casarão de Lucilady. De seguida, Gil e os outros meninos, as suas sacolas de pano com um lápis, uma sebenta e um pão um bocadinho seco, que serviria de lanche, percorriam um longo caminho através de uma floresta, preenchida de ruídos e sombras, até chegar à escola da aldeia.

Na aldeia, viviam os outros meninos. Os que tinham pai e mãe...

Todos os dias Gil repetia o percurso, atravessando a longa floresta, para ir para a escola e, no fim da tarde, regressava para junto de Lucilady.

Lucilady assegurava que no fim do dia, todos os meninos após chegarem a casa, vindos da escola, largavam a sacola de pano e entravam novamente na floresta.

Já o sol se tinha posto, e a lua começava a mostrar-se.

Gil, e os outros meninos, atravessavam riachos, saltavam rochedos e furavam a vegetação para recolherem pétalas de flores,

cor lilás, trevos de 4 folhas, asas de gafanhoto e muitos mais ingredientes a serem usados no enorme caldeirão de Lucilady.

O velho caldeirão de barro chamuscado, largo, muito fundo e que ficava toda a noite em lume brando... E Lucilady, com uma enorme colher de madeira, sempre a mexer no caldeirão!...

Gil assustava-se um bocadinho de cada vez que tinha que entrar pela floresta, ao fim da tarde.

Ouviam-se sons de animais. Animais que se afastavam. Animais que se aproximavam... O ruído do bater das asas de pássaros. Pássaros que Gil não via, mas ouvia... e ouvia também o vento a agitar os enormes ramos daquelas árvores. As árvores que se inclinavam à passagem daquele menino assustado...

Mas se não recolhesse os ingredientes necessários para atirar para dentro do enorme caldeirão de Lucilady, castigos ainda mais assustadores que a floresta em plena noite esperariam o pequeno Gil...

No dia seguinte, tudo de novo. O cantar do galo, o caminhar para a escola, o regresso ao casarão, a procura dos misteriosos ingredientes para as poções mágicas de Lucilady...

Por fim, Gil, cansado, recolhia à sua cama pequenina, um pouco fria, onde se cobria apenas com um fino lençol.

O lençol, feito de retalhos de várias cores, cinzentos com vermelhos e azuis e com um rasgão tão grande, tão grande que por vezes se escapava para o ar enregelado do casarão um dos pezinhos do menino.

Gil, deitado, a olhar para o teto do quarto, no escuro da noite perdia-se em sonhos...

Perguntava a si mesmo “Como seria a sua vida se pudesse viver com os seus pais?”. Os pais que nunca conheceu...

Como seria se quando chegasse a casa lhe perguntassem como lhe correu o dia na escola? Como seria se antes do jantar lhe perguntassem se precisava de ajuda para fazer os trabalhos de casa que no dia seguinte teria que mostrar ao professor?

Como seria se ao deitar, lhe aconchegassem o seu lençol para ele não dormir com frio? Como seria se lhe dessem um beijo de boa noite? Como seria?... Seria bom com certeza...